

PREDICAR NO DIASSISTEMA CHAMADO PORTUGUÊS: “BAIANÊS” E “CARIOQUÊS” NA REDE SOCIAL BRASILEIRA

Marcia dos Santos Machado Vieira

Nahendi Almeida Mota

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Analisamos, a partir de memes coletados nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, usos de predicação verbal e verbo-nominal associados às variedades baiana e carioca do Português Brasileiro, também chamadas, respectivamente, “baianês” e “carioquês”. Descrevemos, qualitativamente, dados associados a cada uma das variedades, com o intuito de mostrar similaridades e dissimilaridades tanto entre unidades predicantes em uma mesma variedade quanto entre unidades predicantes nas duas variedades. Lançamos mão dos conceitos de predicador (simples ou com verbo suporte), aloconstruções, metaconstruções, idioconstruções e diaconstruções, baseando-nos em Gramática de Construções (diassistêmica), Sociolinguística e Linguística Funcional-Cognitiva. Objetivamos evidenciar variação construcional na predicação existente no espaço digital do Português Brasileiro e contribuir para o ensino de Português com observações sobre diassistema de unidades predicantes (simples e complexas) e recurso a diferentes construções, inclusive fraseológicas, para traduzir o universo sociocultural e conceptual de comunidades brasileiras. Os resultados evidenciam que o “baianês”

e o “carioquês” contam com predicadores que têm proeminência em termos de caracterização do lugar de fala e de trabalho didático com o recurso à sinonímia na configuração de um subtipo do gênero textual meme e, por conseguinte, no processo de construção e negociação de sentidos.

INTRODUÇÃO

(...) multilingualism (of, if you insist, multilectalism) is the rule rather than an exception if we compare speakers and societies historically and globally
(HÖDER et al., 2021, p. 37).²³

O interesse pelo Português para viabilizar relações internacionais político-negociais ou socioambientais tem crescido, especialmente na era de hiperconectividade, de diálogo virtual, de diplomacia cultural, de mobilidade, de marketing digital e de intercâmbio de valores simbólicos em torno de redes de cooperação mútua em prol de desenvolvimento sustentável e inclusão social. Esses fenômenos que marcam nossa era são vistos como ingredientes de um enfoque geopolítico-diplomático estratégico de gestão (consensuada) que o mundo digital favorece. A própria UNESCO (32ª sessão da Conferência Geral, 2003)²⁴ propõe medidas para promoção e uso de multilinguismo e de acesso universal ao ciberespaço, de disseminação da diversidade cultural e linguística, de valorização das línguas locais ou maternas, línguas de herança. E também nesse sentido há a iniciativa Helsinki²⁵ sobre multilinguismo na comunicação acadêmica, na divulgação de resultados de pesquisa na própria língua.

Tanto em espaços em que o Português é língua materna quanto naqueles em que é língua não materna, é preciso ginga ao lidar com usos que, via repetição e espraiamento, são convencionalizados socioculturalmente no Brasil, mas que nem sempre são objeto de atenção em descrições do idioma mundo afora.

Usos que se tornam habituais na experiência linguística numa e noutra comunidade constituem o que compreendemos por variedades de um diassistema perspectivado nos limites (mesmo virtuais) de uma língua, bem como os que constituem redes de construções de um *construct-i-con* de tal sorte diassistêmico

²³ “(...) multilinguismo (de, se você insiste, multilectalismo) é a regra e não uma exceção se compararmos falantes e sociedades histórica e globalmente” (HÖDER et al., 2021, p. 37, tradução nossa).

²⁴ Disponível em: <https://en.unesco.org/recommendation-multilingualism>. Acesso em: 24 out. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://www.helsinki-initiative.org/>. Acesso em: 24 out. 2021.

que não é específico de uma só língua (como é o caso do conhecimento linguístico na base das línguas românicas). Em ambos os casos, perspectivamos o idioma como uma rede construcional diassistêmica que prevê um complexo de *subconstructicons*, subsistemas ou variedades (cf. MACHADO VIEIRA, 2020, p. 34), e diaconstruções, generalizações construcionais partilhadas por mais de uma variedade de língua ou até por mais de uma língua – como é o caso de línguas românicas, dada sua genealogia comum, conforme mostra a pesquisa feita, por exemplo, por Penha (2021).

O conhecimento de uma língua, o qual envolve generalizações sobre o que é relativamente estável, o que varia e o que muda, é o que enseja desenvoltura necessária à viagem por entre saberes e usos linguísticos que se entrecruzam quando predicamos e configuramos proposições que nos permitem conceptualizar estados de coisas em práticas discursivas as mais diversas.

Procuramos, neste capítulo, descrever a realidade variável de usos de predicação verbal e verbo-nominal detectados em certos textos que são associados ao que é produzido linguisticamente na Bahia e no Rio de Janeiro. E o fazemos querendo ressaltar a importância de se lidar com o Português como um diassistema no contexto de ensino. Para tanto, comparamos predicacões em variedades acessadas a partir de textos (memes que circulam no *Instagram* e no *Facebook*) cujo referencial de produção está associado ou à comunidade da Bahia ou à do Rio de Janeiro e cuja configuração se dá na língua portuguesa brasileira. Contudo, antes de o fazer, vamos comparar alguns desses usos a usos em textos produzidos noutras duas línguas românicas (francês e italiano) para mostrar as relações entre usos de línguas românicas diferentes, apostando na formulação da hipótese de diassistematicidade também entre línguas genealogicamente ligadas.

Com isso e a partir de um exame qualitativo de relações de similaridade exploradas via gênero textual meme, que não estão restritas ao Português, nossa expectativa é gerar subsídios relativos às hipóteses de que: (i) em uma língua particular, convivem construções específicas de variedades diferentes, bem como coexistem construções específicas de contextos comunicativos; (ii) construções que não são específicas de uma língua particular nem de certos contextos comunicativos, já que se encontram entre as generalizações feitas segundo a experiência de usos noutras línguas ou em diferentes variedades de uma língua. De acordo com Höder (2014) e Höder, Prentice e Tingsell (2021), as primeiras são chamadas de idioconstruções ao passo que as segundas são intituladas de diaconstruções. Guiam esses objetivos os seguintes problemas: Como se configura a rede de relações entre construções na predicação verbal ou verbo-nominal, a

partir dos mecanismos cognitivos de associação e dissociação e considerando na representação construtos teóricos como aloconstruções, metaconstruções, idioconstruções, diaconstruções? Que unidades construcionais de predicação caracterizam as variedades do Português Brasileiro (PB) consideradas? O que elas revelam de comum e/ou de diferente?

E, com tais subsídios, discutimos o potencial de trabalho com predicadores (semi)idiomáticos (cf. MACHADO VIEIRA, 2014) no ensino de Português em prol, por um lado, de aquisição de competência intercultural, comunicativa e/ou leitora e, assim, da observação de equivalências (literais ou não) entre construções em variedades e línguas e, por outro, da percepção de mais-valia na relação sempre contextualmente emergente entre unidade complexa e inferência de funcionamento (idiossincrático) e sempre reveladora de conceptualizações estéticas, metafóricas e/ou socioculturais via uso da língua portuguesa em uma comunidade.

VARIAÇÃO E ENSINO DE PORTUGUÊS

Não é raro que a língua portuguesa usada no Brasil tenha, muitas vezes, a descrição didático-pedagógica de sua diversidade circunscrita a dados/exemplares das variedades carioca e paulistana, consideradas o “referencial” da nossa língua. Isso, inclusive, foi objeto de observação em uma fala feita, durante o Festival do Conhecimento da UFRJ - Futuros possíveis de 2021²⁶, pela professora-pesquisadora Juliana Bertucci Barbosa (UFTM), com intenso vínculo ao programa de pós-graduação brasileiro de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS Rede Nacional, com sede na UFRN).

Entretanto, num país de dimensões continentais, a diversidade é naturalmente mais rica do que essa que costuma figurar em compêndios descritivos voltados ao ensino, principalmente ao ensino de Português língua não materna. Procuramos chamar a atenção para isso, voltando-nos especialmente à descrição que resulta da comparação de predicações produtivas em duas normas de comunidades brasileiras, referidas, não raras vezes, como “baianês” e “carioquês”. E o fazemos porque nossa meta é oferecer uma pequena amostra do rico potencial de trabalho em sala de aula que a observação de exemplares de comunidades de fala de diversas regiões brasileiras enseja.

²⁶ FUTUROS possíveis para dados sociolinguísticos apresentado por Raquel Meister Ko Freitag, Juliana Bertucci Barbosa, Marcos Luiz Wiedemer, Marcia dos Santos Machado Vieira [s.l., s.n], 2021. 1 vídeo (2h 02min). Publicado pelo Festival de Conhecimento da UFRJ (2021) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZrZxsd5QQns>. Acesso em: 23 jul. 2021.

Para proceder a essa descrição, operamos, mais especificamente, com o método comparativo de amostras de memes que vêm sendo obtidas em decorrência de uma pesquisa qualitativa observacional da relação entre dados de predicação verbal ou verbo-nominal em memes²⁷ retirados de redes sociais (especificamente *Instagram e Facebook*), em que há manifestação explícita do que é considerado modo de expressão no “baianês” e no “carioquês”. Examinamos a relação de comparabilidade que os memes põem em jogo. Os dados de predicação verbo-nominal correspondem a dados em que, ao *slot* destinado a verbo, é atraída uma unidade predicante constituída de construção de predicador complexo com verbo suporte. É o que ocorre, por exemplo, numa proposição/sentença em que, em vez de o predicador simples “passar” ser acionado para esse lugar predicante, se acione o predicador complexo “dar uma volta” ou “dar um rolê”.

Nesse tipo de predicador, uma unidade verbal, chamada de verbo suporte ou verbo leve (este normalmente na literatura formalista), serve de verbalizador a um elemento não verbal, formando uma espécie de *chunk*/um todo (porque relativamente mais ou menos entrincheirado na mente como uma unidade complexa). Esse predicador complexo, por sua vez, opera a previsão de papéis participantes a se combinarem a uma estrutura de termos argumentais de uma construção (in) transitiva numa predicação: por exemplo, “dar uma volta” (no sentido de “passar”) predica sobre um papel participante que se desloque e combina-se a uma construção de estrutura argumental intransitiva.

Exemplos desses dois tipos de predicação (verbal e verbo-nominal, respectivamente) nas duas variedades do Português Brasileiro e nas três línguas românicas referidas anteriormente são: (i) “olhar”, “vedere”, “regarder”; e (ii) “dar uma olhada”, “dare un’occhiata”, “faire/lancer/jeter²⁸ une œillade”.

²⁷ Os “memes [são] como uma linguagem ou um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, e que costuma ser materializado na forma de uma imagem legendada, um vídeo viral, um bordão engraçado, ou uma animação extravagante. Além disso, grande parte da riqueza dos memes está expressa em sua característica intertextual. Eles frequentemente trazem referências à cultura pop, uma novela, uma série de tevê, um reality, ou o último acontecimento político do noticiário” (O que são memes). Disponível em: <https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>. Acesso em: 09 out. 2021.

²⁸ *Lancer e jeter* são os verbos mais acionados para o *slot* de verbo suporte nesse tipo de construção: “Johann Matti *lance une œillade* appuyée à Alice Thourot et descend en flammes ses anciens amis”. Disponível em: <http://www.montelimar-news.fr/article/johann-mattilance-une-oeillade-appuyee-a-alice-thourot-et-descend-en-flammes-ses-anciens-amis-le-22-Juin-2017/1/8086.html>. Acesso em: 03 out. 2021.

- Ex 1. Se você **olha** a pesquisa histórica de preferência partidária, o PT sempre esteve na frente, separado dos outros, explica Andrei Roman, cientista político e diretor do Atlas Político.²⁹
- Ex 2. Si on **regarde** la recherche sur cette période, la philo sést intéressé aux philosophes (Fichte, Hegel), la litté aux auteurs (Tieck)³⁰ (Twitter, 11/02/2015).
- Ex 3. Salvini, via il catasto di Draghi Franco, il superbonus scadrà. Roma, Raggi **vede** Michetti.³¹
- Ex 4. Si on **regarde** la recherche sur cette période, la philo sést intéressé aux philosophes (Fichte, Hegel), la litté aux auteurs (Tieck) (Twitter, 11/02/2015).
- Ex 5. Acabei de **dá uma olhada** no novo site do @thiagogrulha, em bom baianês tá massa! (Twitter, 24/09/2011).
- Ex 6. Ferrara modello di turismo: perché Napoli non **dà un’occhiata?** (...) Certo, il confronto tra il numero di abitanti (Napoli a poco meno di un milione, Ferrara a 130mila circa) e anche quello tra il reddito annuo disponibile pro capite (14142 contro 21933 euro, dati 2020 dell’Osservatorio Findomestic – Prometeia) non è favore del capoluogo campano, ma di certo **dare un’occhiata** a una realtà che ai nostri occhi funziona non fa male.³²
- Ex 7. Fammi **dare un’occhiata** alle mail.... Che male vuoi che ci sia? Peccato che l’internauta fosse alla guida, e non certo fermo al semaforo.³³

²⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554331964_534951.html. Acesso em: 07 out. 2021.

³⁰ “Se **olharmos** para as pesquisas desse período, a filosofia se interessa pelos filósofos (Fichte, Hegel), a literatura pelos autores (Tieck)” (tradução nossa).

³¹ “Salvini, através do cadastro de Draghi Franco, o superbonus irá expirar. Roma, Raggi **vê** Michetti” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.italiaoggi.it/news/salvini-via-il-catasto-di-draghi-2536315>. Acesso em: 07 out. 2021.

³² “Modelo de turismo de Ferrara: por que Nápoles não **dá uma olhada?**

(...) Claro, a comparação entre o número de habitantes (Nápoles pouco menos de um milhão, Ferrara cerca de 130 mil) e também aquele entre o rendimento disponível anual per capita (14142 contra 21933 euros, dados de 2020 do Observatório Findomestic - Prometeia) não é a favor da capital da Campânia, mas certamente **dar uma olhada** para uma realidade que funciona aos nossos olhos não faz mal” (tradução nossa).

Disponível em: <https://www.quotidianonapoli.it/2021/10/06/ferrara-modello-di-turismo-perche-napoli-non-da-unocchiata/>. Acesso em: 07 out. 2021.

³³ “Deixa eu **dar uma olhada** nos e-mails.... Que mal você quer que haja? Pena que o internauta estava dirigindo e certamente não parou no semáforo” (tradução nossa). Disponível em:

Ex 8. Une femme **faisant une œillade** à un autre homme que celui avec lequel danse.³⁴

Ex 9. Cette noisette tardive s’est retrouvée prisonnière des glaces. Les cils peints en blanc, elle nous **fait une œillade** dévastatrice.³⁵

Neste capítulo, focalizamos articulações importantes entre saberes e práticas de análise linguística agora em proeminência na abordagem construcionista que estão em sintonia com nossa percepção do fenômeno de variação construcional, atenta desde sempre a pressupostos da Sociolinguística Variacionista (MACHADO VIEIRA, 2016). Nessa, os conceitos de diassistema e de heterogeneidade ordenada e sistemática são fundamentais. Assim, o conhecimento linguístico é entendido como uma rede de generalizações cognitivamente estocadas a partir de uma realidade multifatorial, multimodal e diassistêmica de unidades e semioses que se efetivam no processo de experiência e configuração desse conhecimento. Vale lembrar que, como indivíduos que se organizam em diferentes comunidades e as vivenciam, esse conhecimento se sujeita a feições diversas. E, na sua configuração, nossas experiências de uso fazem-nos saber administrar a constante tensão entre convenção/repetição e inovação/criatividade (que tem o potencial de levar, com o tempo, ao fenômeno de mudança, se houver convencionalização social) ou entre estabilização, variação e mudança. Machado Vieira (2018, p. 95) chama a atenção para o caráter diassistêmico da construção de predicador complexo com verbo suporte:

Predicador complexo com verbo suporte é um recurso acionado com frequência e sistematicidade pelos falantes para a formação de unidades predicantes. O fenômeno de formação de predicados complexos não ocorre apenas em Português. Outras línguas disponibilizam a construção com verbo suporte, ainda que contem com mecanismos morfológicos de formação de verbos simples. Citem-se, a título de ilustração, casos de instanciação de predicadores complexos no francês (cf. para mais informações a respeito, GIRY-SCHNEIDER, 1978), no italiano (cf. QUOCHI, 2007) ou no inglês (cf. BRINTON, 2011):

“J’ai **fait référence** à l’écologie en citant le sommet de Kyoto en 1997 mais aussi à Durkheim qui part du principe que la sociologie devient une chance de traiter les faits

https://www.ecodibergamo.it/stories/Cronaca/fammi-dare-unocchiata-alle-mailfotografato-alla-guida-con-il-tablet_1085227_11/. Acesso em: 03 out. 2021.

³⁴ “Uma mulher **olhando** para um homem diferente daquele com que dança” (tradução nossa). Disponível em: <https://fr.wiktionary.org/wiki/%C5%93illade>. Acesso em: 03 out. 2021.

³⁵ “Esta avelã tardia ficou presa no gelo. Cílios pintados de branco, ela nos **dá um olhar** devastador” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.linternaute.com/nature-animaux/magazine/1020019-le-givre-oeuvre-d-art-de-la-nature/1020028-l-oeil-de-la-noisette>. Acesso em: 03 out. 2021.

sociaux comme une chose observable.” (<http://plus.lefigaro.fr/note/jai-choisi-le-sujet-scientifique-20100617-225974>, acesso em 04/01/2018).

“E qui non alludo alla conoscenza postuma che in età adolescenziale o in età adulta porta qualcuno dallo psicoterapeuta a cercare l’anima o direttamente in farmacia nel tentativo di sedarla; ma **faccio riferimento** a quell’educazione dei sentimenti, delle emozioni, degli entusiasmi, delle paure, che mette al riparo da quell’indifferenza emotiva, oggi sempre più diffusa, per effetto della quale non si ha risonanza emozionale di fronte ai fatti a cui si assiste o ai gesti che si compiono.” (http://www.repubblica.it/online/cronaca/desire/analfabeti/analfabeti.html?refresh_ce, acesso em 04/01/2018).

“One person familiar with the matter said Brennan did not reveal sources but **made reference** to the fact that America’s intelligence allies had provided information.” (<https://www.theguardian.com/uk-news/2017/apr/13/britishspies-first-to-spot-trump-team-links-russia>, acesso em 04/01/2018).

Enfim, não pretendemos exaurir aqui o que norteia esta pesquisa, com base na qual fazemos nossos destaques quanto ao ensino de Português. Antes, nossa intenção é contribuir para que, entre os estudos cognitivo-funcionais que consideram a modelagem construcionista do conhecimento linguístico, prospere a face de variação construcional que é potencializada pela compatibilização das heurísticas de Gramática de Construções e Sociolinguística (conforme vêm advogando há algum tempo WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019).

Em termos de ensino do Português, interessa chamar a atenção para o potencial de trabalho com colocações, expressões idiomáticas, fraseologismos como meio de explorar manifestações sociais e identitárias num Brasil pluricultural, bem como o vínculo, em nossa cognição, entre pareamento de atributos de forma (morfossintática e lexical) e atributos de função/significação (semântica, discursiva, pragmática e social) e funcionamento em um paradigma discursivo que visa ao humor, o de meme. Sensibilizar professores e alunos para a existência de fenômenos linguísticos como colocações e fraseologia faz parte de um trabalho didático que visa a explorar a diversidade cultural de uma comunidade linguística. A pesquisa-ação centrada em dados dessa natureza, normalmente atribuídos a um campo negligenciado em aulas de Português (porque visto como não associado à gramática ou ao discurso, mas ao léxico/a dicionário), enseja espaço para a percepção de esquematicidade e produtividade (extensibilidade de uso-significado). Muitos dados, em Português e noutras línguas românicas, são licenciados por um padrão construcional que envolve regularmente um verbo (suporte ou semi-suporte, nos termos de MACHADO VIEIRA, 2018) e um elemento não verbal sobre o qual aquele opera e com o qual aquele forma um predicador complexo não composicional, conforme já ilustrado nesta seção.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO: ALGUNS DESTAQUES

O desenho deste capítulo conta, em linhas gerais, com: (i) orientações advindas da Sociolinguística, da Gramática de Construções em que pesa uma visão de língua como diassistema e rede em que se interconectam construções lexicais, gramaticais e textuais-discursivas e da Linguística Funcional-Cognitiva; (ii) uma amostra de memes que contêm predicadores, coletados em perfis intitulados “baianês” e “carioquês” em circulação no espaço cibercultural, e que foram analisados qualitativamente no intuito de exemplificar o potencial de trabalho didático-pedagógico com predicadores em relação de variação por conta de analogia (fenômeno ingrediente do próprio meme).

O conceito de diassistema, caro à Sociolinguística Variacionista, é aplicado à conceptualização de gramática estruturalista pelo linguista e dialetologista Uriel Weinreich já na metade do século XX, em razão do intento de lidar com línguas em contato.

Structural linguistic theory now needs procedures for constructing systems of a higher level out of the discrete and homogeneous systems that are derived from description and that represent each a unique formal organization of the substance of expression and content. Let us dub these constructions ‘diasystems,’ with the proviso that people allergic to such coinages might safely speak of supersystems or simply of systems of a higher level. A ‘diasystem’ can be constructed by the linguistic analyst out of any two systems which have partial similarities (it is these similarities which make it something different from the mere sum of two systems). But this does not mean that it is always a scientist’s construction only: a ‘diasystem’ is experienced in a very real way by bilingual (including ‘bidialectal’) speakers and corresponds to what students of language contact have called ‘merged system.’ Thus, we might construct a ‘diasystem’ out of several types of Yiddish in which a variety possessing the opposition /i ~ I/ is itself opposed to another variety with a single /i/ phoneme. (WEINREICH, 1954, p. 390).³⁶

³⁶ A teoria linguística estrutural agora precisa de procedimentos para construir sistemas de um nível superior a partir dos sistemas discretos e homogêneos que são derivados da descrição e que representam cada organização formal única da substância da expressão e do conteúdo. Vamos chamar essas construções de ‘diassistemas’, com a condição de que as pessoas alérgicas a tais cunhas possam falar com segurança de supersistemas ou simplesmente de sistemas de um nível superior. Um ‘diassistema’ pode ser construído pelo analista da língua a partir de quaisquer dois sistemas que tenham semelhanças parciais (são essas semelhanças que o tornam algo diferente da mera soma de dois sistemas). Mas isso não significa que seja sempre uma construção apenas de um cientista: um ‘diassistema’ é vivenciado de uma maneira muito real por falantes bilíngues (incluindo ‘bidialetais’) e corresponde ao que os estudantes de contato linguístico chamaram de ‘sistema mesclado’. Assim, podemos construir um ‘diassistema’ a partir de vários tipos de ídiche em que uma variedade que possui a oposição / i ~ I / se opõe a outra variedade com um único fonema / i /. (WEINREICH, 1954, p. 390, tradução nossa).

Agora, no âmbito de estudos que se voltam à configuração de pareamentos forma-significado/função como unidades construcionais básicas interconectadas em rede, esse conceito torna a ganhar relevo, sob orientações como as de Höder (2012) e Östman & Fried (2005). Tanto é assim que uma linha de investigações é a da chamada Gramática de Construções Diassistemática. Vale destacar que, no Brasil, esse direcionamento em relação à diversidade linguística está (e sempre esteve) em jogo nos estudos do Projeto Predicar³⁷ (cf., por exemplo, Machado Vieira, 2016), até por conta da orientação da Sociolinguística Variacionista, um de seus referenciais. No entanto, só mais recentemente começa a ser admitido por outros funcionalistas-construcionistas brasileiros.

Gramática de Construções Diassistemática é uma linha teórico-metodológica que integra a ideia de rede construcional a contato linguístico, que põe tanto a heterogeneidade linguística quanto a relação de convergência ou similaridade e divergência no centro das atenções e, assim, leva o analista a uma representação gramatical do conhecimento linguístico como complexo multilíngue e/ou multidialetal. O segundo caso é o que interessa ao escopo da análise qualitativa desenvolvida neste texto. A concepção mais geral na base desse referencial é a de que, via análise empírica de dados do uso captados em diversas práticas socio-comunicativas, é preciso (i) lidar com construção (pareamento de forma-função/significado) de qualquer natureza (seja ela lexical, morfossintática ou textual-discursiva), (ii) considerar fatores sociais também (e não apenas os cognitivos), bem como (iii) cogitar de haver construção (diaconstrução) que pode, em termos de generalização cognitiva, licenciar usos em mais de uma língua ou em mais de uma variedade de língua, em caso de input multilíngue e/ou multidialetal. Dessa forma, passa-se, no referencial da Gramática de Construções, de uma visão de língua homogênea e estática (não realística) para uma concepção de língua/gramática heterogênea e dinâmica: “the grammar of the same language may be organized into quite different constructicons in different *communities*” (HÖDER et al., 2020, p. 37) ou, em outros termos, “an ever-growing and ever-changing, increasingly multilingual constructicon”³⁸ (HÖDER et al., 2020, p. 38).³⁹ E, assim,

³⁷ Projeto Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional.

³⁸ “a gramática da mesma língua pode ser organizada em construções bastante diferentes em comunidades diferentes” (HÖDER et al., 2020, p. 37) ou, em outros termos, “um construct-i-con sempre crescente e em constante mudança, cada vez mais multilíngue”.

³⁹ “a gramática de uma mesma língua pode ser organizada em *constructicons*/redes construcionais bem diferentes em *comunidades* diferentes” (HÖDER et al., 2021, p. 37, tradução nossa) ou, em outros termos, “um *constructicon* cada vez mais multilíngue em constantes

sobressai a ideia de constante (re)configuração do conhecimento sociolinguístico rico e adaptável, que se delinea como função entre convencionalização social e entrincheiramento cognitivo do que se experimenta na realidade plástica do uso/processamento e que é afetado por forças sociais, identitárias, emocionais-afetivas, discursivo-pragmáticas, além das cognitivas (SCHMID, 2020). Afinal,

[...] the way individuals process their linguistic input and organize their linguistic knowledge is not homogeneous across speaker groups using the same language, and some speakers may rely more heavily on structural patterns than others (Dąbrowska, 2015: 662). One of the factors that can be expected to systematically influence inter-individual variation is the difference between social and communicative contexts in which languages are acquired and used. Different environments lead to different types and degrees of exposure to linguistic input, including dialectal variation within the same language and the coexistence of several languages in multilingual communities [...] (HÖDER, 2019, p. 2-3).⁴⁰

No referencial da Gramática de Construções, pareamentos de forma-função/significado podem ser rotulados de: (i) aloconstruções (CAPPELLE, 2006; CAPPELLE et al., 2021) – variantes construcionais ou unidades construcionais que, embora tenham diferenças e, portanto, possam ter existência independente, são relacionadas como similares em razão do processo cognitivo de analogia; (ii) metaconstruções (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019) – áreas na rede construcional em que ocorre/se representa a relação de similaridade e intercambialidade entre variantes construcionais, em que se neutralizam diferenças entre as unidades construcionais funcionalmente alinhadas como alternantes (entre as aloconstruções); (iii) idioconstruções – construções pragmaticamente específicas de uma língua/variedade e relacionadas a contextos e rotinas interacionais no idioma/na variedade; e (iv) diaconstruções – construções que não são específicas de uma ou outra língua/variedade e que, portanto, resultam de contato entre comunidades linguísticas.

Predicadores, nas línguas, podem ser perspectivados como: unidades construcionais diferentes de nosso repertório de organização de predicacões e à nossa

ampliação e mudança” (HÖDER et al., 2021, p. 38, tradução nossa).

⁴⁰ [...] a maneira como os indivíduos processam seu input linguístico e organizam seu conhecimento linguístico não é homogênea entre os grupos de falantes que usam a mesma língua, e alguns falantes podem confiar mais em padrões estruturais do que outros (Dąbrowska, 2015: 662). Um dos fatores que podem influenciar sistematicamente a variação interindividual é a diferença entre os contextos sociais e comunicativos nos quais as línguas são adquiridas e usadas. Ambientes diferentes levam a diferentes tipos e graus de exposição ao input linguístico, incluindo variação dialetal dentro de uma mesma língua e a coexistência de várias línguas em comunidades multilínguas [...] (HÖDER, 2019, p. 2-3, tradução nossa).

disposição para a formulação de proposições (“olhar” associado à predicação de percepção visual/ver ou perceber; “olhar” associado à predicação de cuidado/cuidar; “olhar” associado a alerta); aloconstruções (“dar uma olhada” e “olhar” ou “dar uma fitada” e “fitar” em relação de equivalência conceptual ou funcional) de uma metaconstrução (“predicador de percepção visual”); idioconstruções (“dar uma zoiada”/“baianês”, “dar uma filmada”⁴¹; “dar uma espreitada”/PB⁴² e “dar uma espreitadela”/PP); e diaconstrução ([_____Vsuporte + _____Elemento não verbal]_{predicador complexo} em Português – nas suas variedades nacionais –, bem como noutras línguas românicas – francês, italiano, espanhol, por exemplo). Outro exemplo é predicador “dar um zig”⁴³/“dar o zig now” no “baianês”, uma variante/ aloconstrução em relação de similaridade a outras: “retirar-se”, “cair fora”, “sumir” e, em alguma medida, a “dar um perdido” e “dar um ninja”⁴⁴. É possível, ainda, citar um exemplo que será explorado adiante: a unidade construcional “comer água” (assumindo, na Bahia, o sentido de ingerir bebida alcoólica); as aloconstruções “tomar uma” e “comer água” (em relação de equivalência conceptual ou funcional) de uma metaconstrução (predicador de consumo de bebida alcoólica); as idioconstruções “comer água”/“baianês”, “tomar uma”/PB, “beber” usado intransitivamente/PB e PP.

A função do ato proposicional de predicadores é a predicação, uma relação semântico-sintática que representa um estado de coisas. Predicadores (simples ou complexos) são padrões construcionais no sentido desenhado pela Gramática das

⁴¹ Esse é um predicador equivalente a “olhar”. Ao que parece, está presente em mais de uma variedade (e não só no carioquês), assim como “dar uma olhada”. Um exemplo é o que está neste trecho de crônica jornalística: “Dia cheio. Procurei a Angela Merkel para propor um tratado de livre circulação de laquê. Acabei cruzando com o Berlusconi, que me **deu uma filmada** de paraíba de obra e soltou uma cantada que faria o Bolsonaro corar. Espetei o dedo: ‘O senhor tenha compostura! E peça desculpas à Angela!’ Ele saiu de fininho e ainda retirou o convite para um fim de semana na Sardenha. Tá achando que Dilminha é uma das sirigaitas dele?” Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/diario-da-dilma-o-senhor-tenha-compostura/>. Acesso em: 09 out. 2021.

⁴² PB – Português do Brasil; PP – Português de Portugal.

⁴³ A **gíria “dar um zig”** significa cair fora, sair de uma situação desconfortável, sumir. É uma gíria bem popular entre os baianos. (...) Algumas pessoas costumam falar **“dar um zignow”** porque, na verdade, tem a ver com a origem da gíria (...). (...) Acabaram transformando o *“sign out”* em “zignow” e depois simplificaram para **“zig”**. Disponível em: <https://sotaqueando.com.br/giria-dar-um-zig/>. Acesso em: 11 out. 2021.

⁴⁴ Cf. “A arte de ‘dar o perdido’ e não ser achado”. Disponível em: <https://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2014/03/18/a-arte-de-dar-o-perdido-e-nao-ser-achado/comment-page-1/>. Acesso em: 11 out. 2021.

Construções, em que elas são unidades de pareamento forma-função/significado apreendidas na experiência de uso e integrantes da cognição social humana.

As linguists, we are masters of pattern recognition. We literally cannot help but notice the similarity between, say, the forms *apples* and *bananas*, which, as we would traditionally say, are formed by adding a plural suffix *-s* to a noun. Likewise, we see the structural parallel between forms like *dogs*, *horses*, and *oxen*, which are all formed by adding suffixes, albeit different ones. We even recognize more obscure patterns such as the regularity of non-concatenative tense-marking as in *drink*, *drank*, *drunk*. Such patterns are easily observable in any linguistic context, but it is often quite unclear whether they exist in any ‘real’ sense, i.e. outside the sphere of linguistic analysis. More strikingly, the question is rarely asked in traditional approaches.

Speakers, too, are masters of pattern recognition. Indeed, the cognitive ability to recognize, utilize, and not least participate in conventionalizing structural patterns is one of the most important keys to linguistic communication. However, as decades of research in cognitive linguistics have shown, the patterns that can be demonstrated to play a role in the organization or processing of linguistic knowledge are not always identical or in some cases even akin to the patterns that are traditionally assumed to be relevant to the organization of linguistic systems (HÖDER, 2019, p. 2).⁴⁵

Como o autor declara, os falantes realmente são “mestres no reconhecimento de padrões”, tanto que formam novas palavras a partir de conhecimentos compartilhados de morfologia, bem como formam expressões complexas a partir de usos já convencionalizados pela e na comunidade linguística de que fazem parte. É o caso, por exemplo de: “taokei-lo-ei” (em “So acreditarei que Temer está por trás de Bolsonaro se o presida mandar uma mesóclise do tipo taokei-lo-ei”),⁴⁶ em

⁴⁵ Como linguistas, somos mestres no reconhecimento de padrões. Literalmente, não podemos deixar de notar a semelhança entre, digamos, as formas *maçãs* e *bananas*, que, como diríamos tradicionalmente, são formadas pela adição de um sufixo de plural *-s* a um substantivo. Da mesma forma, vemos o paralelo estrutural entre formas como *cães*, *cavalos* e *bois*, que são formadas pela adição de sufixos, embora diferentes. Reconhecemos até padrões mais obscuros, como a regularidade da marcação de tempo não concatenativo como em *beber*, *bebi*, *bebeu*. Esses padrões são facilmente observáveis em qualquer contexto linguístico, mas muitas vezes não está claro se eles existem em qualquer sentido “real”, ou seja, fora da esfera da análise linguística. O mais impressionante é que a pergunta raramente é feita nas abordagens tradicionais.

Os falantes também são mestres no reconhecimento de padrões. Na verdade, a capacidade cognitiva de reconhecer, utilizar e não menos participar da convencionalização de padrões estruturais é uma das chaves mais importantes para a comunicação linguística. No entanto, como mostraram décadas de pesquisa em linguística cognitiva, os padrões que podem ser demonstrados como desempenhando um papel na organização ou processamento do conhecimento linguístico nem sempre são idênticos ou, em alguns casos, até semelhantes aos padrões tradicionalmente considerados relevantes para a organização de sistemas linguísticos (HÖDER, 2019, p. 2, tradução nossa).

⁴⁶ Disponível em: <https://twitter.com/fferronato/status/1436137550410825731>. Acesso em:

que a expressão “Está/Tá ok!” (marcante na fala do atual presidente do Brasil) é, na comparação feita, tomada como uma unidade construcional verbal simples que, por sua vez, se combina a um padrão construcional de mesóclise (marcante na fala do que esteve na presidência do Brasil em período imediatamente anterior, Michel Temer) em contexto de flexão verbal de futuro.

DESCRIÇÃO DE PREDICADORES OBSERVADOS EM TEXTOS DA REDE CIBERCULTURAL

A título de revelar uma amostra do grau de diassistematicidade entre variedades do Português Brasileiro, escolhemos uma das expressões máximas de espontaneidade que faz a fama do brasileiro mundo afora: principalmente materialidades linguísticas associadas ao que conhecemos por gíria, unidade fraseológica. Afinal, elas fazem parte de um repertório que brota em diferentes práticas sociocomunicativas das redes sociais e podem conferir à interação um tom simpático, informal, mais familiar, próximo, agregador e bem-humorado. E, se realmente interessa tratar de diversidade linguística e sociocultural, esse universo de unidades linguísticas (referido frequentemente como fraseologismo ou idiomatismo) também tem lugar nas aulas de Português, além de ser do interesse de quem se volta ao trabalho/exercício, por exemplo, de interpretação, dublagem, tradução (inclusive automatizada, principalmente por conta de aplicativos nesse sentido e do desenvolvimento de inteligência artificial).

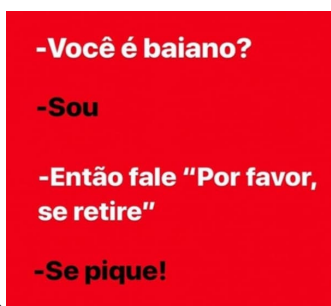
O “BAIANÊS”

Antes de tudo, esclarecemos que, embora classifiquemos as construções aqui analisadas como variantes ou variações diatópicas da Bahia (com respaldo nas associações mais comumente feitas/reconhecidas nas redes sociais, nos perfis que foram consultados para reunir uma amostra de dados do uso), naturalmente estão em jogo algumas construções que podem ser mais comuns em algumas cidades/microrregiões do que em outras. Afinal, é preciso considerar o tamanho do estado e a sua riqueza/diversidade linguística bem como a influência – mais intensa, duradoura e diversificada ou não – da rede de contatos com outras comunidades. Da mesma forma, ainda é importante destacar que tais usos podem ser recorrentes em outros estados/outras regiões também, uma vez que as trocas linguísticas entre comunidades são bastante comuns, ainda mais na era da hiperconectividade, na

qual temos acesso a conteúdos produzidos nos mais diversos lugares do país (e do mundo).

Para análise de construções que marcam/denunciam características linguísticas e culturais do estado, selecionamos, como corpus, textos coletados na rede social *Facebook* que buscam dar destaque ao uso, inclusive, com o fito de realçar as dissimilaridades entre construções, no tocante aos aspectos pragmático e subjetivo, de modo que estas sirvam como delimitadoras de um espaço linguístico. Assim, em vez de direcionarmos o nosso olhar meramente para as diferenças lexicais, comuns em debates acerca da variação diatópica, investigamos construções complexas, em que há predicação verbal e verbo-nominal.

Como exemplo, vejamos o meme abaixo, retirado de uma página do *Facebook*.⁴⁷

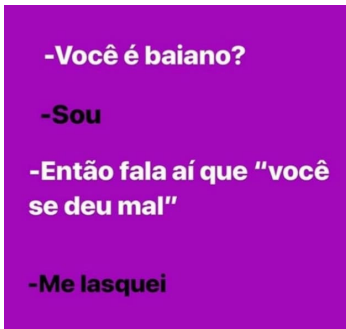


Ex 10.

Embora ambos os construtos (dados da experiência) – “Por favor, *se retire*” e “*Se pique!*” – tenham a função de pedir ao ouvinte que *se retire* ou *saia* do ambiente, o segundo denuncia a origem do falante. Em outras palavras: ele é um falante do Português, mas um falante que usa a variante atribuída/associada à variedade da comunidade da Bahia, isto é, que caracteriza o “baianês”. Além disso, a retirada do “por favor”, da formulação de pedido que considera a perspectiva da vontade de um interlocutor, do segundo enunciado também serve para (i) causar o riso, já que o meme é um gênero que costuma fazer uso desse recurso, e (ii) marcar uma maneira de falar que pode estar associada a uma certa revolta e a um tom diretivo do ato de fala do enunciador, que vem acompanhada de uma entonação específica. Assim, mais do que apenas uma variante diferente (“*se retire/pique*”), é preciso captar também características pragmáticas que marcam esses usos: “*se pique*” envolve um objetivo ilocucionário de enquadre da vontade do enunciador imposta a seu ouvinte.

Vejamos mais um exemplo, a seguir.

⁴⁷ Este e todos os próximos exemplos usados na discussão sobre o “baianês” estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=2387102108052425&set=pcb.2387103154718987>. Acesso em: 09 out. 2021.



Ex 11.

O exemplo (11) é marcado pela força de expressividade e criatividade, haja vista a relação de produtividade entre as variantes exploradas no meme. Há uma força intensificadora ao dizer “*me lasquei*” em vez de “*me dei mal*”, por este ser mais corriqueiro em diferentes variedades do que aquele. Aqui, assim como em (10), é importante relacionar também o uso ao contexto social e ao tratamento da língua como diassistema de que nos valem, uma vez que um mesmo falante pode utilizar tanto um quanto outro construto, selecionando qual o mais adequado ao interlocutor e às condições do evento de interação, por exemplo.



Ex 12.

Em (12), percebemos uma configuração formal similar à de (11): “Sujeito + pronome oblíquo átono + dar + bem/mal” = “pronome oblíquo átono + LASCAR/ARMAR”, isto é, “eu me dei MAL/BEM” = “me LASQUEI/ARMEI”. Há uma relação entre o resultado negativo de uma situação e a predicação “*me lasquei*”, ao mesmo tempo que há uma relação entre o resultado positivo e a predicação “*me armei*”. “*Me armei*” não é uma expressão predicante tão produtiva quanto “*me dei bem*” em termos de predicação na variedade nacional brasileira, mas é visto como caracterizador da norma baiana, dada sua frequência de recrutamento nesta.

-Você é baiano?

-Sou

-Então fale “vamos jogar bola”

-Bó bater o baba

Ex 13.

-Você é baiano?

-Sou

-Entã fale “vamos beber”

-Bó cumê água!

Ex 14.

Em (13) e (14), lançamos mão, respectivamente, de duas construções bastante marcantes da variante baiana: “*bater o baba*” e “*comer água*” (no meme, está escrito “*cumê água*”, a fim de reforçar a maneira de pronunciar a expressão): esta, associada ao consumo de bebida alcóolica, já citada anteriormente; aquela, associada ao futebol. Embora digam respeito, como mencionado, a realidades comuns a brasileiros dos mais diversos estados, a maneira de as predicar denuncia a origem do falante, de modo que passam a servir como marca cultural também. Além disso, em ambos os construtos, as construções estão acompanhadas por “bó” (“bora”, “vamos”), que costuma preceder um verbo/uma ação (“bó/bora/vamos (embora) *comer/estudar/dormir*”), o que nos mostra que os dois construtos (tanto o de convite quanto o de predicação) são entrincheirados, uma vez que têm pouca (ou nenhuma) composicionalidade (o significado é definido culturalmente, é idiossincrático) e alto grau de cristalização.

-Você é baiano?
-Sou
-Então fale "vou dar a volta"
-Vou arruviar

Ex 15.

Há, ainda, casos como o ilustrado em (15), em que a predicação se dá por meio de uma construção com o verbo suporte “dar” ao passo que, no *(sub)constructicon/variedade* baiano(a), o sentido é acionado por um verbo pleno (“arruviar”). Esse, por sua vez, tem a grafia alterada (no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,⁴⁸ consta “arrodear”) a fim de marcar ainda a sua pronúncia, assim como em (14). Nos exemplos (11) e (12), os verbos plenos (“lascar” e “armar”) também acionam sentidos conceptualizados por estruturas perifrásticas; entretanto, esses sentidos só são acionados quando da presença do pronome oblíquo junto ao verbo, o que os diferencia de (15), que não conta com pronome oblíquo para a construção de seu sentido. De todo modo, os três predicadores simples, associados como características linguísticas ao falar baiano, revelam-se em alternância com predicadores complexos, estes recrutados (de modo geral) na comunidade linguística brasileira.

O “CARIOQUÊS”

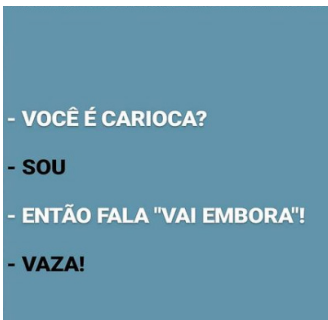
Assim como afirmamos no início da discussão sobre o “baianês”, muitos usos aqui apresentados também estão presentes na fala de brasileiros de outras regiões do país, da mesma forma que podem ser mais facilmente ouvidos/lidos em produções de moradores/naturais de um bairro ou microrregião do estado do Rio de Janeiro (RJ) do que de moradores/naturais de outro bairro ou microrregião. Além disso, dada a forte influência que o estado tem – devido a aspectos econômicos (segundo maior PIB do Brasil), midiáticos (forte presença em telejornais e novelas, por exemplo) e até mesmo culturais, uma vez que o RJ está presente no imaginário de brasileiros das mais diversas regiões, de maneira positiva (pontos turísticos, belezas naturais, concentração de eventos culturais etc.) ou negativa

⁴⁸ Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 24 out. 2021.

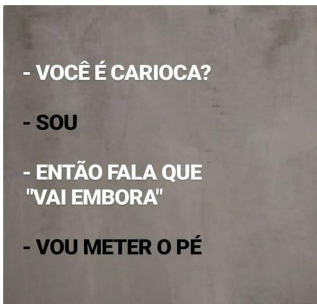
(violência, concentração populacional etc.) –, o “carioquês” alcança um elevado número de falantes de outras regiões.

Para análise de construções que marcam/denunciam características linguísticas e culturais do Rio de Janeiro, também selecionamos, como corpus, textos coletados em redes sociais, mas, desta vez, no *Instagram*,⁴⁹ os quais, inclusive, viraram notícia e foram chamados de “Dicionário Carioca”.⁵⁰ Aqui, também ressaltamos os aspectos pragmático e subjetivo que marcam o “carioquês”, a partir de uma seleção de construções de predicação, nas quais há tanto predicador verbal simples quanto predicador verbo-nominal complexo no *slot* destinado a predicador/verbo. Esse prevê papéis participantes a ocuparem os lugares argumentais da sentença com que se organiza a predicação.

Ex 16.



Ex 17.

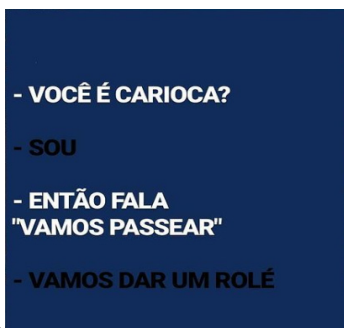


“*Vazar*” e “*meter o pé*”, predicador simples e predicador complexo (respectivamente), são unidades construcionais variantes em relação de similaridade com a unidade variante “*ir embora*”, também complexa. As três estão disponíveis no repertório linguístico associado à comunidade carioca para a conceptualização

⁴⁹ Este e todos os demais exemplos utilizados na discussão sobre o “carioquês” estão disponíveis nos seguintes perfis: *cario.ques* https://www.instagram.com/p/B-YLa7lHaug/?utm_medium=share_sheet e *dicionario.cariocaa* https://www.instagram.com/p/B6DoKQqFZCw/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 09 out. 2021.

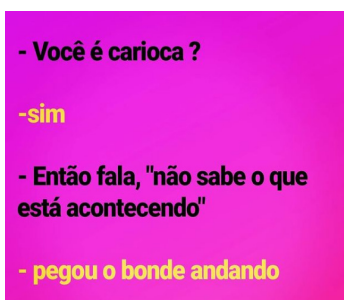
⁵⁰ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/dicionario-carioca-viraliza-nas-redes-sociais-saiba-queis-sao-as-novas-gurias-24035997.html>. Acesso em: 09 out. 2021.

de movimento de saída/retirada: as duas primeiras são compreendidas pelos falantes como marcas do “carioquês”, enquanto a última não denuncia a origem/naturalidade no Brasil de quem a usa. É válido mencionar que, embora a primeira construção (16) esteja no modo imperativo, direcionado a uma segunda pessoa em ato ilocucionário diretivo, e a segunda construção (17) esteja em primeira pessoa gramatical, ambas podem ser utilizadas em qualquer modo verbal e em qualquer pessoa gramatical. Por fim, além dessas construções, há ainda “ralar peito”, “tirar o time (de campo)”, “cair fora”, “se mandar”, bem como as formas de uso ainda mais geral no Brasil “sair” ou “*se retirar*” (mencionadas ao tratarmos do “baianês”).



Ex 18.

Em (18), lançamos mão da construção “*dar um rolê*”, ou seja, “*passear*”, expressão indexada à variedade carioca.⁵¹ Nesse caso, há algo interessante: a maneira de pronunciar “rolê” denuncia o falante, sobretudo se compararmos as variedades carioca e paulista: nesta, o falante tende a pronunciar “rolê” (com o som do *e* fechado), ao passo que, naquela, a pronúncia é “rolé” (com o som do *e* aberto). Há, inclusive, discussões na internet quanto à pronúncia “correta” – nas quais os falantes de São Paulo defendem a sua maneira de falar e os cariocas, por sua vez, defendem a sua forma de pronunciar o lexema em questão.



Ex 19.

⁵¹ Há, inclusive, um blog de um projeto carioca (Disponível em: <https://www.rolecarioca.com.br/>. Acesso em: 09 out. 2021) que revela esse sentido da expressão.

- **você é carioca?**
- **sim**
- **então fala: "segue em frente "**
- **segue o baile**

Ex 20.

Em (19) e (20), é possível identificar a influência de elementos culturais da cidade do Rio de Janeiro como itens que contribuíram para a formação dos predicados complexos. Em (19), em “*pegar o bonde*”, há o item “bonde”⁵², meio de transporte que é uma marca cultural, inclusive turística, sobretudo da capital do estado. Já em (20), em “*segue o baile*”, há o item “baile”, um encontro festivo que, no estado, costuma ter, como ritmo principal tocado, o funk. “*Segue o baile*” é associado a sentido similar ao de “*seguir em frente*”, “*deixar rolar*”, “*deixar para lá*”, e é uma gíria recrutada para sugerir que algo siga conforme o fluxo previsto/normal. Às vezes, até “*toca o baile*” assume esse sentido. Nesse contexto, ambas as construções, de fato, denunciam a origem do falante. Todavia, como dito anteriormente, esses construtos atingem outros espaços e passam a ser adotados por pessoas das mais diversas regiões.

- **VOCÊ É CARIOCA?**
- **SOU**
- **ENTÃO FALA " ESTOU SOLTEIRO"**
- **TÔ NA PISTA**

Ex 21.

Em (21), com “*estar na pista*”, o falante recorre a um ambiente físico (“a pista”), de discotecas, por exemplo, para responder que está solteiro, disponível. Vale-se de uma metonímia, da contiguidade entre (a) estar na pista (de dança, discoteca) disponível/livre à abordagem de outrem e (b) não estar (preso) em um relacionamento amoroso. Ainda no tocante a relacionamentos e à exposição do

⁵² “Veículo urbano, de tração elétrica, que circula sobre trilhos e se destina ao transporte coletivo de passageiros e/ou de cargas”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bonde/>. Acesso em: 09 out. 2021.

estado civil, há a construção “estar para jogo”, que também aciona o sentido de estar solteiro.

O QUADRO DE PREDICADORES NAS DUAS VARIEDADES: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Há, entre as construções apresentadas aqui como ilustrativas do “baianês” e do “carioquês”, relações de similaridade e também de dissimilaridade: tanto entre construções da mesma variedade do Português Brasileiro quanto entre construções das duas variedades.

Começamos pelas construções “*se pique*”, “*me lasquei*” e “*me armei*”, representantes do baianês. Todas elas são, formalmente, similares: estruturam-se com base em pronome oblíquo átono seguido de verbo, por predicador simples. O primeiro *slot* pode ser preenchido por qualquer pronome oblíquo átono, uma vez que qualquer pessoa gramatical pode relacionar-se ao uso dessas construções. O mesmo pode ser dito quanto ao verbo, o qual pode ser utilizado em qualquer pessoa e número, bem como tempo e modo.

Também há similaridade e regularidade configuracional entre outras unidades predicantes, pois a maioria das que selecionamos aqui são construções representadas da seguinte maneira: [_____Vsuporte + _____Elemento não verbal], que formam um predicador complexo a figurar tal qual um verbo simples numa predicação (“*dê um zig*”, “*dê o fora*” – predicador complexo – tal qual “*se pique*”, “*se retire*” – predicador simples). Inserem-se nessa representação “*bater o baba*”, “*comer água*”, ambas associadas à variedade baiana, e “*meter o pé*”, “*dar um rolê*” e “*pegar o bonde andando*”, mais associadas à variedade carioca. Quanto ao contexto de uso, “*ir embora*”, “*retirar-se*”, por exemplo, figuram, com certa frequência, em rotinas comunicativas em relação às quais há expectativa de registro coloquial ou semiformal; o predicador simples com clítico, também em registro formal. Por esse perfil, são de emprego mais produtivo em diversas rotinas. Já “*meter o pé*” e “*vazar*”, alternativas àquelas, vão figurar geralmente em rotinas em que seja proeminente informalidade e, possivelmente, haja espaço para descontração e humor (como as de memes, textos no Instagram, entre outros).

A descontração e o humor, por seu turno, não caracterizam apenas as construções mencionadas no parágrafo anterior, afinal, a depender do contexto (como os memes aqui analisados), todas elas poderão causar o riso – pela sensação de se sentir representada, quando a pessoa é natural/moradora da região em que tais construções são utilizadas, por exemplo, ou pela sensação de desconhecimento e

curiosidade, quando a pessoa não reconhece a maneira de falar que é retratada. De qualquer forma, essas expressões revelam a ligação entre versatilidade linguística e estilo de configuração do texto de humor. O meme aqui explorado configura-se via formulação de questão e resposta a porem em contiguidade ou similaridade e, por conseguinte, em convivência variantes linguísticas. Vemos, assim, o potencial e o caráter significativo desse material para o tratamento de heterogeneidade linguística e de construção de sentido com efeito de humor atrelado à cultura.

E o registro informal é em si mais um ingrediente para o efeito de humor. Retomando o atributo “(in)formalidade”, entre as construções do “baianês” aqui apresentadas, (talvez) apenas “*vou arruinar*” seja utilizada também em situações semiformais (como por um taxista a um passageiro desconhecido), enquanto as outras são mais associadas a situações informais. O mesmo pode ser observado quanto ao “carioquês”, pois somente a construção “*pegar o bonde andando*”, até por se tratar de uma expressão cristalizada e repetida, é esperada também em registro semiformal, ao passo que as outras são mais vinculadas a situações informais. Naturalmente, a percepção de coloquialidade ou semiformalidade pode variar, a depender do que, no imaginário coletivo, é associado a cada situação, da modalidade expressiva perspectivada, do grau de espontaneidade com que se materializa o texto, para citar apenas algumas influências. Sabemos que os significados são negociados em termos das condições de produção e, então, podem emergir mais ou menos ligados a sentidos esperados (em razão de experiências anteriores).

Nesse sentido, entender as relações de similaridade e de dissimilaridade entre essas construções, bem como os contextos em que são acionadas ou a que são indexadas e o que podem gerar em outras pessoas/leitores dos memes, é relevante quando se pensa em ensino, visto que levar o estudante a compreender tais relações ajudará a que tome consciência do seu conhecimento multidialetal (o *constructicon*) vinculado a um universo plural de relações sociais, de modo que consiga fazer um uso produtivo de idioconstruções e, mais ainda, respeitá-las, entendendo a variação e as diferenças como enriquecedoras da língua e como reflexos de manifestações de sociedades, bem como poderosos elementos constitutivos de textos. Desse modo, as aulas serão aproveitadas como espaços de ação disruptiva do histórico de perpetuação de certos estereótipos, ação no sentido de romper certos enquadres⁵³, visando, inclusive, a críticas sociais sobre estes, a entendimentos sobre relações

⁵³ Para mais observações sobre enquadres, conferir: <https://www.youtube.com/watch?v=iI-4JGbNjeI> (Seminário Viagens da Língua | Mesa O português pelo mundo (Museu da Língua Portuguesa). Acesso em: 10 dez. 2021).

entre linguagem, sociedade e poder (MACHADO VIEIRA, 2020), a projeções mais justas sobre o lugar potente que a variação tem na representação de identidade e de textos com efeito de humor. Também serão planejadas de modo a focalizar o lugar central de predicadores (simples e complexos) equivalentes, próximos ou relativamente comparáveis (via mecanismo cognitivo da analogia) na configuração de predicções com base nas quais formulamos proposições que são empregadas para manifestarem comparação ou descrição de estados de coisas, atitudes, contornos psicológicos ou comportamentais, expressões imagéticas. E, assim, ainda ganhamos espaço para o trabalho com analogia/comparação, metaforização (“*dar uma volta*” em analogia a circular, passear, “caminhar” e até “pensar na vida”, no excerto do texto de Mauro Calliari a seguir) e metonimização (“*meter o pé*” em contiguidade/proximidade a pôr o pé para fora de um lugar), fenômenos a terem lugar na abordagem didática de textos além dos do espaço literário.

Caminhar, uma metáfora para pensar na vida

Em tempos difíceis, cada um procura suas próprias maneiras de mitigar os problemas. Há quem faça terapia, há os que fazem exercícios compulsivamente, há quem busque conselhos de outras pessoas, há os religiosos e também há quem caminhe.

Todo mundo ou quase todo mundo anda a pé. Em algum momento, a gente resolve sair de casa e acaba fazendo coisas a pé, como pegar o ônibus, atravessar a rua para encontrar alguém, andar um quarteirão para comprar o pão ou apenas para **dar uma volta**. Às vezes, a cabeça está tão pesada que, se você não **der uma voltinha** a pé, estoura (Mauro Calliari, 10/01/2020).

A partir da reflexão e da compreensão de variedades diversas do Português Brasileiro, o indivíduo poderá notar generalizações (diaconstruções), já que estas são feitas a partir da atenção ao contato entre comunidades linguísticas e são alcançadas via análises comparativas de dados do uso. Um exemplo é a diaconstrução de predicador com verbo suporte, na base de predicadores complexos nas variedades enfocadas e em línguas românicas. Vale destacar, nesse contexto, que as linhas que separam as construções entre as representantes do “baianês” e as representantes do “carioquês” não são absolutas nem impeditivas de inter-relações e intercâmbios, pois o contato entre pessoas da Bahia e do Rio de Janeiro, neste caso, propicia a aproximação, a troca e, inclusive, a adesão a construções que não são, de partida, as das primeiras experiências de naturalidade-espaco geográfico de nascimento. Da mesma forma que o contato entre pessoas de países diferentes (ou a exposição a produções audiovisuais em línguas diferentes) também contribui para a percepção de diaconstruções, pareamentos de forma-função/significação partilhados. E, assim, a sensação de diferenças entre comunidades pode revelar-se mais em termos de tendências/frequências diferentes de acionamento de uma ou

outra variante construcional disponível no repertório multidialetal e multilíngue que caracteriza o conhecimento linguístico do que em termos de conjuntos diferentes de unidades construcionais.

DISCUSSÃO

Os dois conjuntos de exemplos explorados aqui permitem-nos mostrar convergências e divergências, assim como a vitalidade dos fenômenos de variação e estabilização atuantes nessas duas variedades. Por um lado, revelam predicadores verbais ou verbo-nominais variantes, que coexistem em práticas sociocomunicativas associadas ao que chamamos de Português Brasileiro, e evidenciam a vivacidade da diversidade dentro de uma teorização ou descrição que efetivamente se importe com dados da realidade linguística. Expõem, via tendências diferentes de uso, a relação entre *subconstructicons* de unidades predicantes que fazem parte do conhecimento multidialetal, o *constructicon*, do Português Brasileiro. Por outro lado, evidenciam também predicadores verbais ou verbo-nominais que mantêm associação relativamente estável aos mesmos significados de sempre, bem como permanecem vinculados a mais de uma comunidade/variedade, como é o caso das construções aqui apresentadas, posto que todas elas acionam significados compartilhados e já convencionalizados pela comunidade a que pertencem, assim como também se têm vinculado a outras comunidades, devido ao contato entre falantes das duas variedades.

Naturalmente, além de diferenças dialetais, não podemos deixar de destacar o papel decisivo dos sujeitos que processam/usam, (re)criam e replicam os construtos associados mais ou menos frequentemente a certas variedades (baiana e carioca), bem como os contextos histórica e socialmente configurados em que esses construtos são experimentados, uma vez que aspectos culturais, pragmáticos e discursivos (como registro, modalidade expressiva, força e natureza do ato ilocucionário, configuração textual, grau de monitoramento estilístico), em uma abordagem que visa a dar conta de todas as construções de uma língua situadas em eventos reais de comunicação, não podem ser desconsiderados. Logo, as aulas de Português podem ser desenhadas como espaços férteis para administração, conhecimento e reconhecimento de diversas formas de pregar em relação simbólica com as semioses que elas têm o poder de ativar: entre estas, imagens socioculturais (às vezes até estereotipadas) de seus utentes, tiradas humoradas, crítica social. Vale lembrar que associações de significados a formas de pregação estão sempre emergindo nos ambientes comunicativos e, mesmo as estabilizadas, que já fazem

parte de nosso conhecimento linguístico, estão sempre sujeitas a se reorganizarem, especialmente numa era de intensa interlocução:

Apesar de a página Dicionário Carioca, no Instagram, já estar na boca do povo e reproduzida em toda parte nas redes sociais, sua autora, a estudante de 21 anos Viktória Savedra, ainda se surpreende com o sucesso de suas “traduções” de expressões e gírias cariocas. O “vocabulário” com maior repercussão é “aulas”, que virou adjetivo para caracterizar algo muito bom. Para alguns, a expressão ainda causa estranhamento; para outros, já faz parte do dia a dia. Segundo o linguista da Academia Brasileira de Letras (ABL) Evanildo Bechara, esse fenômeno é causado, principalmente, pela diferença entre gerações e porque esse vocabulário é extremamente volúvel e próprio de uma época:

— Ter um arquivo como esse é importante para os tradutores também, a mudança semântica dentro desse léxico é comum. Por exemplo, uma palavra podia significar uma coisa para o meu pai e, para mim, passou a ter outro significado — diz.

Um exemplo disso é a expressão “bacana”, que nos anos 80 significava “algo muito legal” e hoje vem sendo utilizada de forma irônica, para definir algo nem tão maneiro assim.

(...)

(...) Suas publicações brincam ao traduzir frases do dia a dia para a forma como um carioca diria: “mec” é tranquilo; “aulas” é o já antigo maneiro; e “morde as costas” significa “fique tranquilo” (PONTES; TEIXEIRA, 2019).

Logo, a prática didático-pedagógica deve mobilizar o aprendiz a explorar e experimentar três dimensões: formas/recursos diversos, significados que emergem em contexto e usos sociocomunicativos. Significados (re)ligam-se a formas na realidade textual-discursiva e na realidade sócio-histórico-geopolítica e, inclusive, tecnológica (do espaço da comunicação virtual). Esse trabalho também enseja contexto para que se (re)reconheçam tanto conceptualizações e manifestações de identidade de grupo via linguagem/língua quanto sua indexicalidade.

A partir do potencial de mudança de estilo que depreendemos do conjunto de exemplos convergentes aqui reunidos (“*ir embora*” e “*retirar-se*”, por exemplo), também exploramos a potencialidade de similaridade/equivalência entre unidades da língua portuguesa e nossa capacidade de estocar cognitivamente formas alternantes a partir de um input diversificado (memória rica), ambas caras à abordagem construcionista diassistêmica.

Choosing adequate constructions depending on the communicative setting presupposes that speakers share a common ground with each other. This includes, among other things, knowing conventional patterns of language choice as well as being able to interpret others’ linguistic choices accordingly. (HÖDER et al., 2021, p. 42).⁵⁴

⁵⁴ “A escolha de construções adequadas dependendo do ambiente comunicativo pressupõe que

E, para tanto, voltamo-nos a espaços digitais em que circulam memes, gêneros textuais cada dia mais explorados. O recurso em si a esse tipo de configuração textual pode mobilizar interesse para a discussão quanto à relação, via ato de fala, entre: linguagem; representação dinâmica de (re)enquadres/imagens de grupos sociais; e funcionalidades de humor (não intencional ou intencional/estereotípico), de alinhamento⁵⁵ de pertencimento ou emoção social e de crítica social. Explorar a língua como instrumento para descortinar relações de poder e horizontes que às vezes ficam camuflados é uma estratégia. Além disso, explorar atividades significativas dentro da perspectiva de contexto cultural favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Lidar com predicadores complexos também interessa ao espaço de trabalho didático com fraseologia. Esse é um campo que congrega desde estudos de fórmulas de interação (Bom dia! Saúde! Feliz aniversário!), colocações relativamente fixas (balança comercial, tiro certo, bala na agulha/perdida; dar uma volta/um passeio/um rolé, dar uma olhada/olhadela/olhadinha, dar ruim/certo; pegar/tomar sol), expressões idiomáticas (pegar o bonde andando, dar com os burros n’água, dar a mão à palmatória, dar uma de João-sem-braço, dar água), provérbios e ditados (“há males que vêm para bem”, “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”), aforismos (“rir é o melhor remédio”, “a experiência ensina”), frases feitas (“está comigo está com Deus”) etc. É importante tratar de questões que tenham significação idiosincrática/sociocultural e implicação polifuncional em razão de contextualidade. Por exemplo: fazer água, com o sentido de produzir água a partir da ligação de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio ou com o sentido de afundar; dar bola, com o sentido de incentivar uma paquera, diferente de dar/oferecer bola – este, um predicador acionado em situação de celebração de São Cosme e São Damião/data religiosa comemorativa no Brasil ou em situação de jogada de futebol. É relevante o trabalho com expressões (dialogicas) presentes em certas rotinas discursivas. Esse é um assunto que normalmente só figura nas aulas de língua estrangeira, afinal se relaciona à área de diplomacia cultural e etiqueta social. E o desconhecimento de expressões (semi-)idiomáticas pode causar mal-entendido e até constrangimento. É interessante para espaços que

os falantes compartilhem uns com os outros um terreno comum. Isso inclui, entre outras coisas, conhecer os padrões de escolha linguística convencionais, bem como ser capaz de interpretar as escolhas linguísticas dos outros devidamente” (HÖDER et al., 2021, p. 42, tradução nossa).

⁵⁵ Alinhamento está para a postura, a posição e a projeção do *self* que o enunciador assume quanto a si (uma espécie de *self* autoespelhado), a outro ou ao enunciado, diz respeito à maneira solidária como ele se posiciona quanto ao evento de elocução (aos participantes) e ao conteúdo (ao valor deste para os participantes).

lidam com tradução (automática), legendagem, dublagem. E, mesmo nas aulas de Português língua materna, para o desenvolvimento de uma boa competência sociocomunicativa e uma interação discursiva bem-sucedida e respeitosa.

Colocações, como as aqui focalizadas, têm, segundo Machado Vieira (2014), diferentes graus de fixidez quanto ao parâmetro semântico-funcional de não composicionalidade e o parâmetro formal de não analisabilidade e *chunking*; nesse caso, a operação de processar, num input complexo, unidades como (semi-) idiomáticas (*chunks*) e entrincheirá-las na memória de trabalho como pré-fabricadas e prontas para novos usos. São relativamente produtivas quer em termos de tipos construcionais, quer em termos de ocorrências. Logo, constituem temática fértil e interessante para explorar a emergência e a convencionalização de usos (semi)idiomáticos contextualizadas socioculturalmente, o fenômeno de variação linguística e a triangulação léxico-gramática-discurso/texto. E, no exercício de observação de dados da língua desse tipo, o aluno pode ser orientado a testar/trabalhar (com) atributos/variáveis de análise como: o grau de (in)alterabilidade da ordem dos componentes de predicadores verbo-nominais, o grau de (in)variabilidade dos seus elementos constitutivos, o grau de (in)possibilidade de inserção de elementos entre eles e, sendo possível, a natureza e a repercussão desses elementos. É, portanto, um assunto a ser mobilizado para pôr o aluno a refletir sobre usos recrutados para predicação textual-discursivamente contextualizada e com efeito de sentido, assim como a tecer generalizações quanto à estabilização e à variação gramaticais a partir dessa reflexão.

DESTAQUES FINAIS

Ao tratar de variantes baianas ou, popularmente, do “baianês”, e de variantes cariocas, ou do “carioquês”, em memes, lançando mão da noção de diassistema e de aporte teórico da Sociolinguística, da Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva, propomos reflexões acerca do ensino de gramática de construções heterogênea e socioculturalmente situada. E, principalmente, queremos oferecer uma pequena amostra de como pode ser rico o trabalho com essa variedade nacional, se considerarmos inputs sociocomunicativos associados à diversidade de comunidades no Brasil. Lidar empiricamente com língua implica lidar com práticas sociocomunicativas mais ou menos convergentes ou divergentes. Implica também lidar com a articulação entre unidades construcionais lexicais, procedurais/gramaticais e textuais-discursivas. Procuramos, então, expor a combinação de predicadores em predicações focalizando predicadores relacionados por similaridade numa materialidade discursiva que basicamente se engendra

sob a forma de questão e resposta, se configura no gênero meme, perspectiva o fenômeno da variação diatópica e viabiliza efeito de humor. E, com isso, também mostramos uma via de trabalho didático a promover uma educação sociolinguística atenta à relação entre materialidade linguística, engajamento sociocomunicativo, metadiscorso⁵⁶ e negociação de sentidos contextualizada.

A similaridade existente entre construtos de um pareamento forma-função, quando observados em termos de variação diatópica e da concepção de língua como gramática diassistêmica, diz respeito à relação de equivalência ou proximidade semântica ou funcional que se (re)conhece dentro de uma rede construcional, mais especificamente numa área chamada de metaconstrução, a qual representa um ambiente de neutralizações de unidades construcionais independentes e diferentes, mas alinhadas, por analogia, como variantes construcionais ou aloconstruções (“sair”, “retirar-se”, “ir embora”; “meter o pé”/“carioquês”, “vazar”/“carioquês”; “picar-se”/“baianês”).

É ingenuidade esperar sempre uma relação de um para um (biunívoca) entre a configuração de unidades construcionais e certas semioses. Afinal, nossa maneira de falar/escrever, mais do que comunicar algo, marca a nossa existência como sujeitos situados social, histórica, geográfica, política e culturalmente, assim como ativa diferentes significados discursivos. Uma unidade predicante, a depender da contextualidade de seu acionamento, pode ganhar nuances a cada emissão. De todo modo, dada a nossa capacidade cognitiva de associação e nossa necessidade de relação social, nem sempre essas nuances são percebidas ou nem sempre importa percebê-las como diferentes. Em vez disso, os diferentes usos de um predicador são reunidos como exemplares associados a um mesmo pareamento forma-função: “dar uma volta”, “dar uma passeada”, “dar um bordejão” – ligadas à construção de predicador complexo e à conceptualização de um evento que também pode ser capturado por um verbo simples –; em relação de similaridade, “passear” – ligada à construção de predicador simples. A outra face é a da dissimilaridade entre construtos: assim, uma unidade predicante, como “dar uma volta”, pode ter ocorrências com seu significado associado a outro contorno semântico diferente do de “passear”: “enganar”; ou, ainda, “não ser objetivo”, “não ter objetividade”.

Nosso conhecimento contém generalizações (por exemplo, sobre links entre construções, entre outras) e unidades construcionais que licenciam, com

⁵⁶ We use language to persuade, inform, entertain or perhaps just engage an audience, and this means conveying an attitude to what we say and to our readers. These functions are collectively known as *metadiscourse*: the linguistic expressions which refer to the evolving text and to the writer and imagined readers of that text (HYLAND, 2005, p. ix).

regularidade, diversificados construtos, mas também unidades pré-fabricadas, *chunks*, que, por se manifestarem em construtos/dados de modo repetido, são estocadas e acionadas como expressões prontas/cristalizadas em nosso léxico mental. Essas colocações e expressões idiomáticas estão por todo lugar (slogans, manchetes jornalísticas, artigos de opinião, peças publicitárias/[“não é (assim) nenhuma Brastemp”]⁵⁷, programas e textos de humor), embora a alguns pareçam apenas peças de coloquialidade e esporadicamente usadas. Elas permeiam nossas manifestações de linguagem (oral e escrita). São recursos de persuasão e/ou de expressão do vínculo entre língua e experiência do mundo. Potencializam conhecer o povo que se serve delas: sua ótica, sua criatividade, sua expressividade. Assim, a compreensão leitora e comunicativa (de estudantes, principalmente) tem muito a ganhar com o trabalho voltado à temática aqui tratada: maior acesso a intencionalidades capturadas na articulação léxico-gramática-discurso/texto, maior transparência das associações e enquadres viáveis via jogos de palavras apreendidos em diversos gêneros textuais (entre os quais, memes – esferas de partilha de conhecimento/capital cultural e afetivo que se traduz em frases curtas e/ou imagem), maior sensibilização para a diversidade (por exemplo, diatópica), bem como familiaridade com a experiência humana e os universos culturais específicos a regiões num país ou numa época. E a Gramática de Construções é um referencial de representação de língua que requer articulação entre gramática, léxico e discurso na descrição do universo de múltiplas formas e semioses. Logo, é uma área que pode contribuir para esse trabalho, ao advogar em favor de atenção a colocações e a expressões (semi-)idiomáticas, campo legítimo de trabalho e passível de sistematização a não ser negligenciado por construcionistas.

REFERÊNCIAS

CALLIARI, Mauro. *Caminhar, uma metáfora para pensar na vida*. 2020. Disponível em: <http://caminhadasurbanas.com.br/caminhar-uma-metafora-para-pensar-na-vida/>. Acesso em: 24 out. 2021.

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, v. 1, n. 7, p. 1–28, 2006. Disponível em: <https://www.constructions.uniosnabrueck.de/wp-content/uploads/2014/06/2006-SI-Cappelle22-80-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁵⁷ “Não tem comparação”. Cf.: <https://www.youtube.com/watch?v=G4UnzpMgDRc> (Comercial antigo “Não é Assim uma Brastemp”). Acesso em: 21 de dez. 2021.

CAPPELLE, Bert; TRAVASSOS, Pâmela Fagundes; MOTA, Nahendi Almeida; COSTA, Mariana Gonçalves da; NUNES, Letícia Freitas; MARTINS, Gabriel Lucas; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional – desvendando aspectos do conhecimento linguístico: Entrevista com Bert Cappelle. *Revista da Anpoll*, 52(esp), 258–306, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52iesp.1596>. Acesso em: 24 out. 2021.

FUTUROS possíveis para dados sociolinguísticos apresentado por Raquel Meister Ko Freitag, Juliana Bertucci Barbosa, Marcos Luiz Wiedemer, Marcia dos Santos Machado Vieira [s.l., s.n.], 2021. 1 vídeo (2h 02min). Publicado pelo Festival de Conhecimento da UFRJ (2021) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZrZxsd5QQns>. Acesso em: 23 jul. 2021.

HÖDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; GABRIEL, Christoph (orgs.). *Multilingual individuals and multilingual societies* (Hamburg Studies on Multilingualism 13), p. 241–257. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2012.

HÖDER, Steffen. Phonological elements and Diasystematic Construction Grammar. *Constructions and Frames* 6, p. 202–231, 2014.

HÖDER, Steffen. Phonological schematicity in multilingual constructions: a diasystematic perspective on lexical form. *Word Structure* 12, 334–352, 2019.

HÖDER, Steffen; FREITAS JUNIOR, Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Multilingualism and Diasystematic Construction Grammar. Interview with Steffen Höder. *Diadorim* 23, 34–43, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/viewFile/40399/24151>. Acesso em: 24 out. 2021.

HÖDER, Steffen; PRENTICE, Julia; TINGSELL, Sofia. Acquisition of additional languages as reorganization in the multilingual constructicon. In: BOAS, Hans C.; HÖDER, Steffen (orgs.). *Constructions in Contact 2*. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition (Constructional Approaches to Language). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2021.

HYLAND, Ken. *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London/New York: Coninum, 2005.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *SOLETRAS*, [s.l.], n. 28, p. 99-125, dez. 2014. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/14200>. Acesso em: 9 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.14200>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística* / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, (dez-2016), p. 152-170. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 04 out. 2020.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018. ISBN: 9788580393088, DOI 10.5151/9788580393088-06.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal / Constructional variation in perspective: verbal predication. *Pensares em Revista*, [s.l.], n. 19, set. 2020. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/52656>. Acesso em: 04 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/pr.2020.52656>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: FREITAS JR., Roberto; ABRANTES, Lia; NASCIMENTO, João Paulo (orgs.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas* [livro eletrônico] Rio de Janeiro, Faculdade de Letras – UFRJ, 2020. DOI: <https://corpusneis.wixsite.com/home/ebook>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 85-120. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/dimensoes-e-experiencias-em-sociolinguistica-1575>. Acesso em: 24 out. 2021.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. WIEDEMER, Marcos Luiz. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*. n. 1 v. 1. (jan-dez/2018), p. 81-132. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/download/34009/26432>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (eds.). *Construction grammars*. Cognitive grounding and theoretical extensions (Constructional Approaches to Language 3), 2005.

PENHA, Jeane Nunes. 2021. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2021, 177f.

PONTES, Ana Luisa; TEIXEIRA, Mariana. *Dicionário de ‘carioquês’ cai na boca do povo*. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/dicionario-de-carioques-cai-na-boca-do-povo-rv1-1-24038433.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

O PORTUGUÊS pelo mundo apresentado por Amanda Macedo Balduino, Caio César Christiano, Marcia dos Santos Machado Vieira, Karin Indart [s.l.,s.n.], 2021. 1 vídeo (1h03min). Publicado pelo Museu da Língua Portuguesa (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iI-4JGbNjeI>. Acesso em: 10 dez. 2021.

SCHMĪD, H. *The dynamics of the linguistic system*. Usage, conventionalization, and entrenchment. Oxford: Oxford University Press, 2020.

WEINREICH, Uriel. Is a Structural Dialectology Possible?, *WORD*, 10:2-3, 388-400, 1954. DOI: 10.1080/00437956.1954.11659535. Acesso em: 28 out. 2020.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Sociolinguística e gramática de construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi (orgs.). *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2018. p. 41-77.

